

## **Demarcações da participação feminina no Jornalismo regional: a história das jornalistas na Gazeta do Povo/PR<sup>1</sup>**

Gabriela Clair Kosvoski  
Universidade Estadual de Ponta Grossa<sup>2</sup>  
Paula Melani Rocha  
Universidade Estadual de Ponta Grossa<sup>3</sup>

### **Resumo**

O artigo apresenta parte da discussão do projeto de iniciação científica "A participação das mulheres no jornalismo impresso e diário de Curitiba no período de 1990 a 2010", desenvolvido junto ao curso de Jornalismo da UEPG. Tem como objetivo mapear e sistematizar a história do jornalismo impresso Gazeta do Povo pela perspectiva das profissionais mulheres, um legado ainda pouco explorado nos estudos sobre jornalismo regional. Utilizou-se como fundamentação teórica pesquisa bibliográfica sobre história do jornalismo, jornalismo regional e pesquisa documental sobre notícias de autoria feminina. A metodologia empregada foi pesquisa em jornais, livros, internet e entrevistas. Entre os resultados, o estudo revelou a dificuldade em encontrar informações e registros sobre a atuação das mulheres no jornal Gazeta do Povo, sobretudo nos primeiros momentos de sua história.

### **Palavras-chave**

História do Jornalismo; Jornalismo regional; impresso; mulheres jornalistas.

### **Jornalismo regional e a participação feminina: considerações preliminares sobre a Gazeta do Povo**

Há diferenças entre os jornais sediados nos grandes centros e nas cidades de porte menor. A imprensa regional possui especificidades que a distanciam da grande imprensa, sejam nos modelos de gestão, estruturas das redações, relação com os poderes políticos e econômicos locais, características da própria região que estão imbricadas na imprensa, enfim todas essas peculiaridades repercutem no compasso das transformações do jornalismo. As transformações do jornalismo estão relacionadas ao contexto histórico e às

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 01 – Jornalismo - Intercom Júnior do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Desenvolve o projeto de iniciação científica "A participação das mulheres no jornalismo impresso e diário de Curitiba no período de 1990 a 2010", com bolsa de fomento do CNPq. É integrante do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero da UEPG.

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordena o grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero da UEPG, juntamente com a professora Karina Janz Woitowicz.

características da sociedade na qual ele está inserido bem como à mobilidade social, liberdade de opinião, igualdade dos sujeitos, direito de expressão e pluralismo político. Por outro lado, o jornalismo regional também constitui o contexto da profissão em jornalismo, ele compõe este contexto e dialoga com ele. Outro aspecto a se considerar é que o jornalismo brasileiro nasceu na imprensa regional e local e que ainda hoje de fato não há um impresso nacional. A *Gazeta do Rio do Janeiro* fundada em 1808 foi o primeiro jornal da iniciativa privada e surgiu com a vinda da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia.

Em seguida, despontaram novos jornais em diferentes regiões do país, sendo nenhum deles com cobertura nacional, como aponta Sobrinho (1988): *A idade de Ouro do Brasil*, em 1811, na Bahia; *Aurora Pernambucana*, em Pernambuco; *O Conciliador*, no Maranhão; em 1822, *O Compilador Mineiro*, em Minas Gerais; em 1824, *Diário do Governo*, Ceará; em 1826, *A Gazeta do Governo* na Paraíba; em 1827, *Farol Paulistano*, em São Paulo; em 1828, *Constitucional Rio-Grandense*, no Rio Grande do Sul; 1830, *Matutino Meiapontense*, em Goiás; em 1831, *Íris Alagoense*, em Alagoas; *O Catarinense*, em Santa Catarina. Ainda na década de 1830, surgiram jornais em Sergipe, Rio Grande do Norte, Piauí, Mato Grosso e Amazonas. O último estado a criar um jornal, nesse período foi o estado do Paraná, em 1853.

Embora não se configure um jornal genuinamente nacional, para apreender a história do jornalismo impresso no Brasil é interessante estudar o jornalismo regional e suas diferentes configurações nas diferentes regiões e localidades do país. Nesse sentido, a presente reflexão aborda a história de um impresso regional, a *Gazeta do Povo*, sediada em Curitiba, mas busca apresentar uma perspectiva diferente, pelo viés da participação feminina no jornal, focando o processo de feminização da redação deste impresso. Contar a história envolvendo as mulheres além de agregar suas contribuições no desenvolvimento do jornalismo brasileiro é também dialogar com estudos de gênero, ao apontar como foi esse ingresso feminino na profissão, os postos que desempenharam, as áreas de cobertura em que atuaram, as relações com os pares profissionais, formação acadêmica enfim é conceber a mulher jornalista dentro da categoria de análise do gênero. Uma das autoras que defende gênero como categoria de análise é Scott (1990). Para a autora, semelhante à raça e à classe social, o gênero também permite dar significado às relações de poder, este não se restringe a um sistema de relações determinadas apenas pelo sexo e/ou pela sexualidade, mas tem que contemplar a universalidade e a especificidade histórica em contextos em transformação.

Assim, o gênero é uma dimensão decisiva da organização da igualdade e da desigualdade (SCOTT, 1990).

O primeiro jornal da Gazeta do Povo circula em 3 de fevereiro de 1919 assumindo um ideal paranista, ao prometer ser porta-voz do povo paranaense e comprometer-se com as mais legítimas causas do estado (FERNANDES, SANTOS, 2010, p. 15-16).

A Gazeta do Povo foi composta, precariamente, por dez tipógrafos, no primitivo prédio da rua Murici, números 95 e 97, no palacete da Taborda. Inicialmente com Benjamin na direção e secretariada por De Plácido, a Gazeta recebe a fina flor da intelectualidade e do jornalismo paranaense (DOTTI; CASTOR, 2008, p. 55/56/71).

Naquele período, o Paraná, tinha recentemente passado pela Guerra do Contestado (1912-1916) e precisava buscar reforçar sua identidade e valorizar o povo, desta forma, surgiu o Movimento Paranista. O jornal surgiu em uma época de agitações sociais, com o crescimento do movimento operário, composto, na sua maioria, por imigrantes europeus que queriam introduzir novas ideologias políticas no Brasil, como o anarquismo e o socialismo, em oposição ao conservadorismo e exclusivismo do cenário político do início da década de 1920 (FERNANDES, SANTOS, 2010).

No início dos anos 20, a rebeldia militar e a atuação da Reação Republicana que a ela se entrelaça, apresentam-se como a conjunção de dois movimentos que contestam as estruturas políticas básicas da Primeira República, de uma forma paralela e coincidente, porém originadas de reivindicações e conflitos distintos. De um lado a dignidade e honra das Forças Armadas enquanto guardiãs das instituições republicanas, ofendidas pelos “políticos” e “homens do poder”. De outro as tensões regionais das oligarquias dominantes, ou seja, os protestos dos setores oligárquicos não vinculados diretamente ao café, porém integralmente participantes das estruturas de poder típicas da Primeira República. Oligarquias dissidentes que utilizam em sua luta pelo poder uma insatisfação militar de caráter corporativo, aguçada por uma grande coesão grupal (FORJAS, 1976, p.61).

O jornal foi criado por dois advogados, o paraibano de João Pessoa, Benjamin Baptista Lins de Albuquerque, e o alagoano de Marechal Deodoro, Oscar Joseph De Plácido e Silva (FERNANDES, SANTOS, 2010). Benjamin Lins foi um advogado, escritor e militar nascido na capital da Paraíba, hoje chamada João Pessoa, em 29 de janeiro de 1876. (A MAÇONARIA NO PARANÁ, 2000).

Benjamin Lins fundou a ‘Gazeta do Povo’ e o jornal ‘O Dia’, “ambos destinados a formar as correntes de opinião do povo paranaense, para livrá-lo das estreitezas e egoísmos de certos políticos que não entendem a vida pública senão subordinada ao maquiavelismo dos interesses particulares”, como ele mesmo se pronunciou (A MAÇONARIA NO PARANÁ, 2000, p. 136-141).

O alagoano Oscar Joseph de Plácido e Silva conheceu Benjamin Lins na faculdade e 6 anos depois, juntos fundaram a Gazeta do Povo (ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS JURÍDICAS, 2002). A primeira edição da Gazeta do Povo precisou deixar claro aos leitores que não tomaria partido, se manteria imparcial, conforme declaração publicada:

Este jornal, como já o declarou seu diretor em boletim profusamente distribuído, é um jornal imparcial. Destina-se à defesa dos interesses gerais da sociedade, a chamar a atenção de todos e de cada um para os assuntos que, direta, ou indiretamente, nos interessam (GAZETA DO POVO, 3 FEV 1919, apud FERNANDES, SANTOS, 2010, p. 16).

É válido ressaltar que quando a Gazeta do Povo foi lançada circulavam os impressos “A Tribuna”, “Diário da Tarde”, e os jornais operários “O Proletário”, “União e Trabalho” e “O Trabalho”.

O interessante é que há livros e registros que trazem a história da Gazeta do Povo, perpassando pela biografia dos seus fundadores, pelas relações que o jornal tinha com os ideais políticos, econômicos e sociais da época e mesmo pelo crescimento da cidade. Porém, ao buscar dados sobre o ingresso das mulheres na redação e suas contribuições para o desenvolvimento do jornal, deparou-se com dificuldades de encontrar informações e mesmo registros. Rago (1995/1996) mostra que a invisibilidade feminina está na narrativa histórica.

(...) as mulheres foram e ainda têm sido esquecidas não só em suas reivindicações, em suas lutas, em seus direitos, mas em suas ações. Suprimidas da História, foram alocadas na figura da passividade, do silêncio, da sombra na esfera desvalorizada do privado. O feminismo aponta para a crítica da grande narrativa da História, mostrando as malhas de poder que sustentam as redes discursivas universalizantes. O feminismo denuncia e critica. Logo, deve ser pensado e lembrado (RAGO, 1995/1996, p.15).

A autora ressalta que embora as mulheres tenham sido excluídas da "Grande Narrativa Histórica" não significa que não há documentos históricos com referências à participação das mulheres. O estudo proposto percorrer atrás desses documentos, mapear a participação feminina na Gazeta do Povo ao longo de sua história e sistematizar a participação dessas mulheres e suas contribuições para o jornalismo regional, em especial nas transformações e inovações da Gazeta do Povo. O ingresso das mulheres no jornalismo não se deu de forma isolada, mas sim em diálogo com a inserção da mulher em algumas instâncias da esfera pública nacional.

Segundo Besse (1999) o ingresso da mulher classe média no mercado de trabalho brasileiro começou na década de 1910 e foi motivado principalmente pelos fatores econômicos e sociais. O país enfrentava necessidades na esfera econômica, principalmente, sobretudo no setor de prestação de serviços. O emprego das mulheres era para suplementar a renda de seus maridos. Assim, o emprego feminino foi antes de tudo importante para a economia nacional, com a rápida expansão do setor de serviços. Os empregadores, por sua vez, perceberam que as mulheres pediam salários mais baixos do que o dos homens. A participação feminina na força de trabalho definia-se como extensão e complemento dos papéis domésticos. Entre 1910 e 1940, o processo de feminização profissional ocorreu em setores como comércio, magistério, enfermagem e nas ocupações de secretária, auxiliar de escritório, telefonista e contadora. A autora acrescenta que atividades como escritoras, poetisas, jornalistas, artistas e musicistas eram aceitas socialmente para a mulher, por estarem ligadas às artes. Além do horário flexível e de serem vistas como uma atualização do papel tradicional da mulher, o trabalho podia ser executado em casa. Outro aspecto é que a remuneração não era regular, assim para os homens estas ocupações não eram ameaçadoras, ao contrário, preservavam a autêntica natureza da mulher (BESSE, 1999).

O ingresso de mulheres no jornalismo começou no século passado após a crise econômica de 1930.

Uma das situações mais tenebrosas que havia na imprensa de São Paulo (e do Brasil), em 1937, era a discriminação contra a mulher. As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No "Estadão", à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO 1998, p.31).

Uma das primeiras mulheres a cobrir temas jornalísticos foi Margarida Izar, que atuou como repórter de geral.

...antes de Margarida, mulher em redação trabalhava mais em culinária, suplemento feminino, sociais, os chamados assuntos de cama e mesa. Ela, não. Era repórter de geral, de pegar pauta de manhã e sair, com fotógrafo ou sem, para abrir caminho e conseguir manchete. Competente, responsável, meiga e suave, Margarida enfrentava qualquer assunto, buscava o furo, a exclusividade. Tinha também um forte sentimento de solidariedade e um gosto pela participação política, no lado do mais fraco, é claro (RIBEIRO, 1998, p.40).

No jornal Gazeta do Povo, a primeira repórter mulher foi Carmem Lour, contudo, localizar a trajetória das profissionais mulheres no respectivo periódico e suas contribuições exigiu um esforço, porque não há ainda registros deste mapeamento.

## Em busca das mulheres da Gazeta do Povo: procedimentos metodológicos

O esforço e desafio de localizar a participação feminina no jornal Gazeta do Povo é um dos recortes do projeto de iniciação científica, ‘A participação das mulheres no jornalismo impresso e diário de Curitiba, no período de 1990 a 2010’, que se deu por meio de diversos procedimentos metodológicos. Antes de qualquer ida a campo, de qualquer e-mail que pudesse ser mandado, fez-se uma pesquisa básica em um navegador de Internet. Foi constatado, a priori, que não há qualquer levantamento de dados sobre os jornalistas que atuaram e ainda atuam na Gazeta do Povo no geral, menos ainda somente das mulheres. Sem tais dados, precisou-se mudar de estratégia.

Numa troca de e-mails com a profissional formada em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Andrea Morais, conseguiu-se três nomes e telefones de mulheres que passaram pela Gazeta do Povo. Entretanto, não se obteve comunicação alguma com o jornal pelos números de telefones passados pela jornalista. Assim, foram feitas buscas no navegador de Internet.

O jornal Gazeta do Povo, em 2012, ao chegar à edição 30 mil, fez uma série de vídeos com pequenos depoimentos dos jornalistas de maior destaque e experiência que passaram pela redação. Dentre os jornalistas, estavam três mulheres que se encaixam no período da pesquisa, as jornalistas Rosy de Sá Cardoso, Ana Amélia Filizola e Nereide Michel. Apenas uma delas havia sido mencionada pela jornalista Andrea Morais. Os vídeos também serviram de fontes para novas buscas.

O passo seguinte foi procurar mais jornalistas que tinham alguma referência de trabalho pelas redes sociais, de forma pública. Foi feita uma busca por mulheres que trazem em suas identificações de ‘emprego’ o jornal Gazeta do Povo, tanto na rede *Facebook*, quanto no *LinkedIn*. Ferramentas muito eficazes que possibilitaram o encontro de 75% das mulheres da pesquisa. Nesse primeiro momento do levantamento foram encontrados 30 nomes.

Em um contato via *Facebook* com o jornalista José Carlos Fernandes, ouviu-se falar, pela primeira vez, sobre o livro que ele escreveu com Márcio Renato dos Santos, de nome ‘*Todo dia nunca é igual: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo*’. Foi feita uma leitura deste livro, em busca de algum vestígio das mulheres jornalistas que fizeram parte da história da Gazeta do Povo e que deveriam ter suas histórias registradas. No entanto, não foi encontrada nenhuma menção a jornalistas mulheres.

Um ponto de dificuldade na pesquisa foi a pouca comunicação entre Gazeta do Povo-pesquisadora, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná-pesquisadora, e GRPCom-pesquisadora. Informações, tabeladas ou não, sobre os jornalistas atuais e os que passaram pela Gazeta do Povo, fundamentais para o início da pesquisa, não foram fornecidas, nem pelo próprio jornal, nem pelo sindicato. Consultou-se também a RAIS - Relação Anual de Informações Sociais, no entanto não há dados sobre jornalistas atuando no Paraná, justamente porque as empresas e o sindicato não disponibilizam tais informações. Outra tentativa foi contatar um representante do jornal, encaminhou-se um e-mail solicitando as informações, porém até o momento não obteve retorno.

Três viagens para Curitiba foram necessárias. A primeira foi uma tentativa de conseguir informações não disponíveis por telefone ou e-mail, como dados sobre os jornalistas da Gazeta, tanto atuais quanto referente ao período da pesquisa, e também uma tentativa de entrevista com a jornalista Rosy de Sá Cardoso, de 88 anos e ainda ativa na redação, que não se disponibilizou a falar.

A segunda e a terceira viagem foram destinadas à pesquisa de campo. Foi feita uma busca em jornais dos anos de 1990, 1991, 1995, 1998 e 2000, disponíveis apenas em microfilme, na Biblioteca Pública do Paraná. Esta etapa levantou dez novos nomes e confirmou dez já revelados no estudo. Assim, até o momento foram confirmadas 38 jornalistas mulheres que atuaram na Gazeta do Povo de 1990 a 2010.

### **Sete mulheres: cinco compõem o recorte da pesquisa**

A primeira mulher a entrar no jornal Gazeta do Povo para atuar como jornalista foi Juril de Plácido e Silva Carnasciali (1921 – 2012) pelas mãos do seu pai De Plácido e Silva que frequentou a redação do jornal desde pequena. Assim, tornou-se a primeira jornalista mulher na redação do jornal, trabalhando como colunista social e colaborando no veículo por mais de 50 anos (GAZETA DO POVO, 2012).

Segundo reportagem 'Carmen, Iverly e todas as outras', publicada por José Carlos Fernandes, em 14 de abril de 2016, no caderno Vida e Cidadania da Gazeta do Povo (GAZETA DO POVO, 2016), a primeira jornalista contratada pela Gazeta do Povo foi Carmem Lour, com 20 anos, em 25 de agosto de 1938, com uma curta passagem pelo jornal.

Outro nome que destacou entre as pioneiras na redação é a jornalista Rosy de Sá Cardoso, nascida em 1927 que continua ativa na Gazeta do Povo, onde trabalha desde meados de 1977, há cerca de 38 anos. Ela é considerada a mais antiga jornalista viva e a primeira mulher a ser associada ao Sindicato de Jornalistas do Paraná e também compõem o recorte desta pesquisa, pois continua atuando. Rosy começou trabalhando como cantora profissional, mas precisou parar de cantar. Como o contrato ainda não havia terminado, ela propôs à rádio que escrevesse alguma coisa, dando início a um programa para mulheres, de nome “Ajudando o seu lar”, com receitas, crônicas e números musicais. O diretor da rádio era irmão do diretor de um jornal. Rosy foi então convidada a trabalhar para o jornal, mas não queria largar a rádio. Conseguiu um contrato no jornal como “cronista de festas sociais”, sendo a primeira colunista social de Curitiba (GAZETA DO POVO, 2012).

A partir do ano de 1961, Rosy foi trabalhar no Diário do Paraná, onde só ganhou carteira assinada em 1970. “Eu não queria anotação em carteira porque eu sempre gostei muito de viajar. Eu avisava o mês que não trabalharia, tirava férias na prefeitura e viajava”. (TURISMO EM NÚMEROS, 2002).

Rosy lembra que não se fazia matérias de turismo, então não recebia para fazer matérias durante as viagens. “Eu recebia por mês e quando eu voltava eu trazia reportagens sobre as viagens, ou mandava por carta”, afirma em entrevista à revista de turismo, Turismo em Números, no ano de 2002. O resultado dessas “fugidinhas” do trabalho soma mais de 86 países na bagagem cultural de Rosy.

Sempre gostei muito de viajar. Fiz quatro viagens ao Japão, apenas uma delas a convite; pagando para viajar, fui duas vezes à Austrália e à Nova Zelândia, fiz uma volta ao mundo de navio – cinco meses num navio chinês, misto de carga e passageiro – voei no Concorde, naveguei no Queen Elizabeth 2, atravessei a Europa no trem Orient Express. No Sul do mundo conheci a Antártida e no Norte visitei Barrow, lá no topo do Alasca, a apenas 2.000 quilômetros do Polo Ártico. Fui juntando documentos e informações que formaram um arquivo sem igual. (TURISMO EM NÚMEROS, 2002, p 33).

Apenas no ano de 1969 que as matérias de Rosy passaram a ocupar o lugar que mereciam, quando os diretores do Diário do Paraná a convidaram para escrever uma coluna semanal sobre turismo. Em dezembro de 1976, após uma série de problemas e irregularidades no Diário do Paraná, Rosy pediu para ser demitida. Por intermédio de Almir de Lara, Francisco Cunha Pereira Filho, o então presidente da Gazeta do Povo, convidou Rosy para trabalhar no jornal a partir de 1º de janeiro de 1977, onde Rosy continua até hoje. (TURISMO EM NÚMEROS, 2002). O interessante é o percurso percorrido por Rosy, ela

inicia no rádio como muitas outras mulheres na época, como cantor. Em seguida cria o seu programa também no rádio, migra para o impresso tendo como porta de entrada o colonismo social e, posteriormente passa a escrever sobre turismo, esporte e política. São mais de 50 anos de atividade, figurando os movimentos da participação feminina no jornalismo ao longo de sua história, a partir do rádio.

O jornalista e radialista Jamur Júnior, pioneiro da TV no Paraná, faz um breve comentário sobre Rosy:

A estimada colega Rosy de Sá Cardoso tem 88 anos e uma vida repleta de boas realizações, muitos amigos, viagens maravilhosas e uma história espetacular. Ela, enquanto cantora de rádio, cantava boleros – e muito bem. Na inauguração da Rádio Difusora de Paranaguá (onde comecei minha carreira profissional de locutor de rádio, em 1956), Rosy estava lá com sua bela voz afinada e belas interpretações. Salve Rosy, exemplo de profissional cheia de talento e responsabilidade na imprensa paranaense (JAMUR JÚNIOR, 2015).

Segundo Rosy, a única porta aberta às mulheres jornalistas na segunda metade do século passado era a coluna social, mas, com o passar do tempo, conseguiu escrever até mesmo sobre política e esporte (TURISMO EM NÚMEROS, 2002). Rosy lembra ter sido a primeira mulher também a se associar ao Skal Internacional de Curitiba – uma associação internacional de profissionais de turismo, com sede na Espanha e comitês nacionais no mundo inteiro. Rosy chegara a ser presidente do Skal. Recém-chegada à Gazeta, Rosy ganhou uma página, em preto e branco, para sua coluna sobre turismo. Ao entenderem a importância do espaço, os diretores foram incrementando a coluna de Rosy. O espaço ganhou fotos em cores e chegou a ter 12 páginas (TURISMO EM NÚMEROS, 2002).

Após 22 anos sendo editora da coluna de turismo da Gazeta do Povo, Rosy entrega seu cargo, em 1999, alegando ter chegado no ápice de sua carreira e que um jornalista mais novo deveria assumir o cargo. “Eu desejava continuar a ser repórter, uma eterna repórter, escrevendo sobre todos os temas que me solicitarem. Inclusive turismo” (TURISMO EM NÚMEROS, 2002).

Ainda na década de 1980, haviam poucas mulheres na redação da Gazeta do Povo, o que foi um desafio para a jornalista Nereide Michel. Ela cursou graduação em Jornalismo na PUC-PR e conseguiu um estágio na Gazeta do Povo (MICHEL, 2012). Lançou, em 1983, o ‘Para Viver Bem/Para Morar Bem’, páginas soltas inseridas na ‘Revista da Tevê’, com o conceito “não basta viver, mas viver bem”. Estas páginas soltas logo se transformaram em um suplemento literário em forma de caderno, o atual ‘Viver Bem’. Caderno de domingo, “criativo e bem produzido”, caiu no gosto do leitor, antecipando conceitos de bem-estar e qualidade de vida. Segundo ela, em vídeo produzido e divulgado

no site da Gazeta do Povo (GAZETA DO POVO, 2012) sensibilidade e criatividade são coisas que sempre pautaram seu trabalho.

Conseguimos formar uma ‘mini-redação’ dentro da redação, tínhamos repórteres, fotógrafos, produtores, e outros. Nossas primeiras fotos de moda eram em preto e branco, então passamos a escrever as cores das roupas e acessórios em cima da foto, puxando ‘flechinhas’, e tá ótimo, ficou muito engraçado (risos). E eu tinha que esperar a minha vez para fazer a diagramação, e sempre atrasavam o ‘Viver Bem’. E eu vi que não era difícil diagramar. Então pedi a lista de anúncios e passei a diagramar as páginas, o que era ótimo, porque eu conseguia ‘casar’ as páginas com os anúncios, ou seja, anúncios de beleza eu colocava nas páginas de beleza, etc. Assim, eliminei o diagramador da minha vida (GAZETA DO POVO, 2012).

De acordo com seu novo site de moda, o Conceito Atual, a iniciativa de Nereide para o ‘Viver Bem’ tinha intenções de “valorizar profissionais paranaenses nas áreas de Moda, Beleza, Decoração, Culinária e Saúde – para firmar uma identidade regional ao suplemento – e comprovou-se acertada no globalizado e massificado século XXI”. (MICHEL, 2012).

Até 2002, ela foi editora do Viver Bem. A partir desse ano passou a trabalhar com moda mais de perto. Nereide idealiza e coordena eventos de moda, como o Curitiba Fashion Art e o Prêmio João Turin de Incentivo aos Novos Designers de Moda. Atualmente, é coordenadora do Ciclo de Atualização em Moda e do Paraná Business Collection, vice-presidente do IMOP – Instituto de Moda do Paraná – e assina o blog Plantão de Estilo na Gazeta do Povo. Virou empresária da moda e diretora da ‘NaModa Comunicação de Estilo’, que atua na área de eventos e promove palestras, oficinas e seminários. Segundo Nereide, o site Conceito Atual tem a proposta de divulgar tudo o que é moda e surgiu nas telas dos computadores no período de transição entre a redação da Gazeta do Povo e as responsabilidades assumidas como coordenadora de eventos de moda.

Uma das mulheres a ocupar cargo de chefia no jornal é Ana Amélia Filizola, que foi diretora da unidade Jornais do GRPCom em 2012 e atualmente é diretora da Gazeta do Povo. Em 1992, ela criou, na esteira da primeira edição do Festival de Teatro de Curitiba, o então “Cultura G”. O suplemento, logo rebatizado de Caderno G, refletiu as mudanças da cidade que se tornava cada vez mais cosmopolita.

Um nome que se destaca por cobrir diferentes editorias é a repórter Aniela Almeida, que atuou na Gazeta do Povo durante quase onze anos de dezembro de 2000 a abril de 2011. É formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 1998. Foi responsável pela redação de matérias jornalísticas

para as editorias Vida e Cidadania, Vida Pública, Economia, Esportes e Caderno G. Aniela também presidiu o Sindijor-PR, de 2006 a 2009.

A redação da Gazeta do Povo, atualmente, é composta por jornalistas, em sua maioria, mulheres. Uma delas é Katia Brembatti, formada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e compõe a redação do jornal desde 2004. Em 2010, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo junto dos jornalistas Karlos Kohlbach, James Alberti e Gabriel Tabatcheik, pela série de reportagens investigativas chamada “Diários Secretos”, publicada na Gazeta do Povo e na RPC TV (Paraná). Foi a primeira vez que o jornal Gazeta do Povo ganhou a categoria Prêmio Principal.

Em 2011, a série ganhou o prêmio mundial de imprensa ‘Global Shining Light Award’, inédito, até então, para o jornalismo brasileiro. Os jornalistas compareceram à 7.<sup>a</sup> Conferência Global de Jornalismo Investigativo em Kiev, na Ucrânia, onde receberam o renomado prêmio.

Foram dois anos de apuração, catalogando informações de 724 diários oficiais da Assembleia publicados entre 1998 e 2009. As investigações desvendaram uma série de crimes de desvio de dinheiro na Assembleia Legislativa do Paraná, que, segundo estimativas do Ministério Público (MP), ultrapassa os R\$ 100 milhões. O trabalho se consagrou como melhor exemplo de jornalismo investigativo produzido em nações em desenvolvimento.

As sete jornalistas citadas, embora algumas de gerações diferentes, ocuparam simultaneamente a redação na última década. Dos 38 nomes levantados, destas sete mulheres conseguiu-se, até o momento, sistematizar as informações sobre área de cobertura, formação superior, trajetória profissional, cargos e funções desempenhas e identificar relações de trabalho na redação. O interessante é que as profissionais que entraram no jornal pós década de 1990, cursavam faculdade de jornalismo ou já portavam o diploma.

### **Considerações finais**

Ao pretender resgatar as profissionais mulheres que atuaram na Gazeta do Povo no período de 1990 a 2010, deparou-se justamente com a dificuldade de encontrar registros e dados documentados. Embora seja um período recente da história e a feminização seja um

fato no jornalismo brasileiro atual, ao qualificar as informações por veículo, e no caso Paraná, percebe-se a dificuldade de acesso na relação Gazeta do Povo-pesquisadora, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná-pesquisadora e GRPCom-pesquisadora. Assim, foi necessário buscar os dados utilizando recursos como Internet, redes sociais, entrevistas, livro, vídeo e análise de jornais.

Das cinco mulheres apontadas no recorte da pesquisa, apenas uma desempenhou cargo de direção e somente a partir de 2012, após dez anos trabalhando no jornal. Outro dado a se considerar refere-se aos temas de cobertura produzidos pelas profissionais mulheres. Rosy passou a cobrir política e esportes após ter inovado e se profissionalizado na cobertura de turismo. Outro nome que cobriu, também, esportes e economia é a jornalista Anieli Almeida, que coincidentemente ou não atuou no jornal mais de 11 anos. Sobre as contribuições, todas as cinco se destacaram de alguma forma no desenvolvimento da Gazeta do Povo, seja na criação de cadernos, inovação nas coberturas ou mesmo pela qualidade da cobertura, como, por exemplo, o caso dos Diários Secretos, que deu visibilidade internacional ao jornal, pelo mérito investigativo.

A relevância e o esforço da pesquisa é dar visibilidade a essas mulheres que contribuem para o exercício da profissão e para a própria história e desenvolvimento do jornal Gazeta do Povo. O estudo ainda não está finalizado e não tem a pretensão em esgotar a discussão, e busca agregar aos estudos de história do jornalismo regional.

## REFERÊNCIAS

A MAÇONARIA NO PARANÁ. Autor desconhecido. – Vol. 7 de 7, página 136 e 141 – Registro de Direitos Autorais nº 240/200, 2000.

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS JURÍDICAS, **Cadeira 35**. Disponível em: <<http://www.aplj.com.br/cadeiras/carlyle-popp/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

ALBUQUERQUE, B. B. L. **Grande Oriente e Supremo Conselho do Paraná (GOB – 1902/20) – Grãos Mestre**. Disponível em: <[http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Autoridades\\_PR/GOIndPR902\\_918-Benjamin\\_Lins.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Autoridades_PR/GOIndPR902_918-Benjamin_Lins.htm)>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BESSE, S.K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1999.

CANO, W. Da Década de 1920 à de 1930: **Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil**. Revista Economia, Brasília (DF), v.13, n.3b, p897-916, set/dez. 2012.

CARNASCIALI, J. P. S. **Lembranças para a vida inteira** [fev. 2009]. Entrevistador: Gazeta do Povo. Curitiba, 2009. Entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo em comemoração aos 90 de jornalismo.

COSTA, S.G. **A erva-mate**. Curitiba: Farol do Saber, 1995.

DOTTI, R.; CASTOR J., **Crônicas Politicamente Inconvenientes... e outras nem tanto**. EBEL: Rio de Janeiro, 2008.

DUARTE, O.; GUINSKI, L. A. **Imagens da evolução de Curitiba**. Curitiba: Quadrante Editorial, 2002.

FERNANDES, J.C.; SANTOS, M.R., **Todo dia nunca é igual: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo**. Curitiba: Editora Gazeta do Povo, 2010.

FERREIRA, M.; PINTO, **Surama Conde Sá**. A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FOUCAULT. M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 17ª edição, 2002.

GAZETA DO POVO, 2016. **Carmen, Iverly e todas as outras**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/carmen-iverly-e-todas-as-outras-9a2cvfmjt9fhzbdk0ev965vkn>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

\_\_\_\_\_, **Bem perto da gente**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/videos/bem-perto-da-gente/>>. Acesso em 25 mar. 2016.

\_\_\_\_\_, **Diários Secretos ganha prêmio internacional**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/diarios-secretos/diarios-secretos-ganha-premio-internacional-ahxknu7zid4vxk7r4xt29p7im>> Acesso em: 24 mar. 2016.

\_\_\_\_\_, **Morre a jornalista paranaense Juril Carnasciali**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/morre-a-jornalista-paranaense-juril-carnasciali-2lv467d8gkv5nal9p6b8kfj9q>>. Acesso em 24 mar. 2016.

\_\_\_\_\_, **No tempo em que Dino Almeida inventou a elegância no Paraná.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/no-tempo-em-que-dino-almeida-inventou-a-elegancia-no-parana-aj73jz8hhath288is9pci93i>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

\_\_\_\_\_, **Os maus humores do Rio Ivo.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/videos/os-maus-humores-do-rio-ivo>>. Acesso em 25 mar. 2016.

\_\_\_\_\_, **Moda de terra e mar.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/plantao-de-estilo>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

\_\_\_\_\_, **A Era do Dino.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/videos/a-era-do-dino/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

GUIMARÃES FILHO, C. **O Esso é nosso.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/especiais/diarios-secretos/o-esso-e-nosso-4mx59fd6el957upn3xypfcthq>> Acesso em: 24 mar. 2016.

LEITE, A. T. B.. **Profissionais da mídia em São Paulo: Um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo.** São Carlos: UFSCar, 2015. 232p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

LOYOLA E SILVA, E. L. DE. **Meu pai foi severo, mas generoso** [fev. 2009]. Entrevistador: Gazeta do Povo. Curitiba, 2009. Entrevista concedida ao jornal Gazeta do Povo em comemoração aos 90 anos de jornalismo.

MARTINS, R., **Trindade e Andreazza**, 2001, pg 91. In: REZENDE, C. J. (Org.). **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos.** Curitiba: Editora Bagozzi, 2005.

MICHEL, N. **Conceito Atual.** Disponível em: <<http://www.conceitoatual.com.br/contato/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

MICK, J.. **Perfil do Jornalista Brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho.** UFSC, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.; Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ, 2012.

MILLARCH, A. **Demolido o prédio de Plácido e Silva, 1985.** Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/demolido-o-predio-de-placido-silva>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

PILOTTO, O. **Cem Anos de Imprensa no Paraná (1854-1954).** Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976.

PUGLIELLI, H. (org.) **Curitiba, 300 anos de memória oficial e real**. Edição da Secretaria de Estado da Comunicação Social do Paraná. Curitiba, 1994.

RAGO, M. **Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil**. Cadernos AEL, n. 3/4, 1995/1996.

RIBEIRO, J.H. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais) câmeras e microfones**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, P. **A mulher jornalista no estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira**. São Carlos: UFSCar, 2004. 241 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ROCHA, P.M.; SOUSA, J. P. **O mercado de trabalho feminino em Jornalismo: Análise comparativa entre Portugal e Brasil**. Impulso, Piracicaba, 2011. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/.../545>

RODRIGUES, M. **O Brasil na década de 1920**. Autora: São Paulo, 2010.

RUBIM, A. A. **Comunicação e política**, São Paulo: Hacker, 2000.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. In **Revista Educação e Realidade**. Uma publicação semestral da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 16, n.2. Jul/Dez 1990.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, N. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

TURISMO EM NÚMEROS. Ano 2, Ed. 13, 2002. Disponível em: <http://turismoemnumeros.com.br/edicao/edic13/files/assets/basic-html/page34.html>. Acesso em: 16 mar. 2016.